

ESTÉTICA E EDUCAÇÃO: O QUE PODE A ESCOLA COM AS MUDANÇAS DO NOSSO TEMPO

Daniela da Silva¹

Durante a escrita da dissertação desenhei através de autores e teorias, uma discussão acerca da sensibilização audiovisual nas práticas educativas de docentes da educação básica. Relembro isso ao perceber agora que, intrínseco a este debate, carregava um desejo, uma busca por enunciados capazes de defender uma verdade. Mas, que verdade seria, esta? Talvez, de que a estética “merece” estar presente no ato educativo; merece caber na escola institucionalizada, na medida em que ela já existe nas práticas e nas vidas dos sujeitos da educação, independentemente de estar ou não nos currículos. Certezas que passaram a reverberar em questões, em meio ao processo de construção de uma tese, suscitando, assim, a pensar de outro modo. Para além de verdades absolutas.

Desse modo, este texto-ensaio é uma composição teórica e metodológica inerente ao domínio da escrita filosófica. Para este caminho de pensamento, convido ao diálogo; Paula Sibilia, Jorge Larrosa e Simons e Masschelein. Na companhia desses autores revisitamos um episódio vivido por uma professora da Educação Básica, que nos leva a pensar questões éticas, estéticas e disciplinares que permeiam a nossa escola atual.

Partindo, assim, do texto “Para que serve a escola?”, de Sibilia (2012), somos convocados ao exercício de pensar a escola, seu tempo e espaço; sua disciplina, seus conteúdos e ensinamentos, bem como as marcas da modernidade que constituem o ambiente escolar, e porventura os sujeitos da educação. É possível afirmar que a mesma noção de escola, normativa e disciplinar idealizada pela modernidade, é também carregada de um espírito e transcendência, capaz de subjetivar os sujeitos que dela se ocupam. Na companhia dos pensamentos de Larrosa (2017), vemos a escola como um espaço de suspensão, um lugar sem lugar, no qual temos a possibilidade de ser estudante e não outra coisa. Na obra “Elogio da Escola”, o autor sai com outros tantos teóricos e educadores, em defesa da escola, em uma tentativa de teoriza-la para

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. silva.daniela@ufrgs.br.

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

além das críticas. Assim como nos propõe Sibilia, ao indagar: “[...] que tipos de corpos e subjetividades gostaríamos de forjar hoje em dia, pensando tanto no presente quanto no futuro de nossa sociedade?” (2012, p. 11). Segundo Fischer (2001) prestar atenção no presente, nos murmúrios de nossa época e de um determinado campo de saber, é o começo para apanharmos a história de um objeto.

Colocar a escola em atividade de pensamento, é um exercício de teorizá-la uma vez mais, em seu tempo, espaço e formação, no qual a ética e a estética andam lado a lado no ato educativo. Muitas vezes, para oferecer uma experiência estética, a exemplo do cinema, é necessário operar com os silêncios, com a suspensão causada após os créditos, com o tempo de cada um para se relacionar com os mundos, os povos e os sentimentos fabricados pelas histórias e pelas imagens, presentes tanto na tela quanto na vida dos espectadores: “Significa, portanto, dar à imagem a possibilidade de nos oferecer outros modos de pensar – para além da confirmação do que, antes dela, já sabíamos, algo em que já acreditávamos” (MARCELLO; FISCHER, 2011, p. 511). Logo, ponderar em relação à prática educativa e a obra cinematográfica, se trata de falar de um gesto de cuidado e de generosidade capaz de ir além de uma temática fechada, de um ensinamento específico, é considerar a individualidade dos alunos como espectadores, as identidades e as diferenças presentes em uma sala de aula.

Ao tomar esta perspectiva, sinto a necessidade de trazer para este texto o encontro com uma das docentes que ofereceu sua experiência com o cinema em sala de aula, para minha pesquisa de mestrado, intitulada: *Hoje tem filme: A abordagem da diversidade em experiências com o cinema na educação*. O fragmento que compartilho, se trata de duas situações distintas, que ocorreram com as turmas do 3º ano da Professora, frente a exibição de um mesmo filme, o *Transamérica*. A obra norte-americana conta a história da travesti Bree, que prestes a realizar uma cirurgia de mudança de sexo, descobre a existência de um filho que passa por problemas psicológicos e sociais, na cidade de São Francisco, na Califórnia. A escolha do filme foi motivada pelo desejo da docente de contribuir com o conteúdo sobre cultura. Em uma das exibições o filme gerou comoção na turma, e os estudantes chegaram a pedir para a professora trazer um Transsexual para falar com eles. Já em outra situação, a Professora se revela decepcionada com alguns alunos, ela conta que os estudantes não conseguiram ligar a história do filme com a discussão sobre cultura (SILVA, 2018).

Programas organizadores



UNIDESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A decepção da Professora nos faz pensar acerca das expectativas e novamente da necessidade que os docentes sentem em exercer um controle sobre as experiências fílmicas dos estudantes, com receio de falhar, de perder tempo, de não deixar nada de conteúdo relevante para eles. Marcas de uma formação docente e de toda uma maquinaria que exige do professor resultados, números, índices, notas. Masschelein e Simons (2017) evidenciam nosso dever como teóricos da educação de mudar a noção de escola tomada apenas como um instrumento para uma outra coisa - normalmente exterior à escola -, pois isso força seu reducionismo a um espaço para expressar frustrações ou expectativas políticas, econômicas e éticas. Diante disso, os autores levantam a seguinte questão: “Se a escola não satisfaz as expectativas de alguém, não é também porque os jovens (às vezes) não satisfazem expectativas, não cabendo, portanto, ou não querendo caber na imagem que temos em mente para eles?” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 24).

Em comunhão com Masschelein e Simons, questiono ainda se nossa escola, esta da qual não conseguimos pensar distante da disciplina, da aprendizagem, dos conteúdos, dos ensinamentos, de fato não comporta a estética exatamente por ela ser repleta de caos, de bifurcações, sem espaço para as expectativas. Habitamos uma era marcada por elementos da modernidade, em diferentes espaços sociais, políticos, culturais, e na educação isso não é diferente. No entanto, não se trata de renegar completamente estes elementos, mas de pensar que a disciplina é tão fundante para educação, quanto desafiadora, em um tempo de transgressão, de tecnologias digitais e de efemeridades. Segundo Sibilia (2012, p. 16), “[...] essas novas subjetividades que florescem atualmente manifestam seu flagrante desconformidade com tais ferramentas, ao passo que se encaixam alegremente com outros artefatos”.

A produção de uma discursividade acerca da educação estética no tempo, espaço e formação escolar, sem relacionar apenas a sua transformação desde a antiguidade, como também articulada a estratégias de poder e de saber, que se voltam para os corpos dos sujeitos da educação, multiplicam técnicas e procedimentos disciplinares, progressistas, validados pelo pensamento político, econômico, cultural e racional de cada época. Nesse sentido, ao atribuir à escola “[...] contornos de uma tecnologia: podemos pensá-la como um dispositivo, uma ferramenta ou um intrincado artefato destinado a produzir algo” (SIBILIA, 2012, p. 13).

Programas organizadores



UNIDESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL



III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Por esta linha de pensamento, a discussão acerca das lacunas e embates ao abordar a estética e a educação, nos permite lançar um olhar para os modos de ser e estar dos professores, estudantes e da própria escola atual, na medida em que “[...] Por um lado, então, temos a escola, com todo o classicismo que ela carrega nas costas; por outro, a presença cada vez mais incontestável desses “modelos de ser” tipicamente contemporâneos” (SIBILIA, 2012, p. 15).

Logo, é nosso dever como teóricos da educação de conhecer as relações contidas no seio da constituição desta escola, a qual incorporamos tão profunda e docilmente, a ponto de torná-la incontestável. Nessa medida, o olhar arqueológico nos revela elementos de um determinado tempo e contexto, no qual a busca pela disciplina e pela normatização dos corpos, se tornou possível através de um projeto educacional, popularmente conhecido como escola (SIBILIA, 2012). Uma tradição nem tão antiga, mas que tem se mostrado eficiente em sobreviver até mesmo na sua pior crise de credibilidade, levada a cabo por conta de uma espécie de colapso geracional.

Contudo, esta discussão não é uma busca sobre maldizer e “libertar os estudantes da escola”, e sim de chamar para a experiência de ser estudante e de estar nela, como sugerem Simons e Masschelein (2017). É, sobretudo, um exercício de pensamento sobre a escola e o espaço para o sensível, debate marcado de latências na pedagogia enquanto disciplina. Segundo Silva (2018) vemos com frequência a vontade de experiências estéticas esbarrar nas estruturas de poder e saber das instituições de educação. Desse modo, enquanto a estética ser vista antagônica a ética, os encontros com a literatura e pintura, música e cinema, entre outras linguagens sensíveis, serão submetidos a uma explicação ética pedagógica que as instrumentaliza. Por assim dizer, os processos de subjetivação através da arte e do sensível, são uma espécie de contraconduta e de autogoverno.

Palavras-chave: Educação. Escola. Estética.

REFERÊNCIAS:

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, Porto Alegre: UFRGS, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL



III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/16944/12912>>.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**. A escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Daniela da. **Hoje tem filme**: a abordagem da diversidade em experiências com o cinema na educação. 2018. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2018.

SIMONS, Maarten; MASSCHELEIN, Jan. **Experiências escolares**: uma tentativa de encontrar uma voz pedagógica. In: LARROSA, Jorge (Org.). *Elogio da Escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Programas organizadores



UNIDESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação